

OS DISCURSOS ETNOLITERÁRIOS:

O FAZER INTERSUBJETIVO E A PRODUÇÃO DO SABER.

Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista (UFPB/CNPq/PPGL)

mariadefatima.mbatista@gmail.com

Emergindo em diversas atividades humanas, nas brincadeiras infantis, nos acalentos das mães aos filhos pequeninos, nas festas populares (juninas, natalinas, carnavalescas ou do santo padroeiro), em horas de trabalho, os discursos etnoliterários vão disseminando entre o povo um saber proveniente de comunidades primitivas e, ao mesmo tempo, vão adquirindo novas formas de saber presentes na modernidade dos sujeitos. Resultante de um projeto de amplo alcance que vimos desenvolvendo para o CNPq intitulado *Raízes do Brasil na literatura popular: intersubjetividade e pluriculturalismo*, o estudo que ora apresentamos aplica-se à análise desses discursos com vistas a sistematizar um conhecimento científico sobre o assunto. Esta tarefa foi pouco empreendida no Brasil, embora seja possível reconhecer a riqueza da nossa etnoliteratura, certamente advinda da heterogeneidade de elementos étnicos que a constitui. O *corpus* consiste em textos de expressão popular que vimos levantando desde 1981 (na Paraíba, inicialmente e, depois, em outras regiões brasileiras) e que nos permitiram a realização de alguns trabalhos, entre os quais, o *Romanceiro do Brasil: Paraíba e Pernambuco*, obra ainda inédita, embora em fase de conclusão.

Costuma-se apontar como características dos discursos etnoliterários, o anonimato, o apagamento do sujeito enunciador que é comumente substituído por um ente imaginário ou virtual, a inexistência ou vacuidade das marcas de tempo e espaço do enunciado que produzem um efeito de atemporalidade e do não-lugar (Pais, 2005:6). Na verdade, nem sempre podemos fazer tais afirmativas, uma vez que muitos textos possuem autoria conhecida, como o caso do cordel e da cantoria e apresentam marcas

de tempo e lugar delimitadas. O que se pode afirmar, todavia, é a existência de duas naturezas de discursos etnoliterários: um originário da oralidade, vindo de uma longínqua tradição de que são exemplos as cantigas e narrativas orais, onde estas marcas são eliminadas e outro de formação mais recente, como o cordel e a cantoria que as podem delimitar. Esta expressão mostra que existe uma possibilidade e não uma obrigatoriedade de os textos apresentarem as marcas referidas. Existem cordéis e cantorias que também são recriações de textos tradicionais muito antigos, submetidos a uma escritura por um autor popular, nos quais esta delimitação não acontece, ou é incompleta, ou ainda, não está vinculada a realidade dos fatos narrados.

Os problemas advindos desse tipo de afirmação surgem da atribuição do conceito Literatura popular (ou etnoliteratura) apenas ao cordel, ou à cantoria de viola quando aquela apresenta uma multiplicidade de gêneros e formas de expressão que engloba: o romance oral (narrativas cantadas ou recitadas que nos vieram da Idade Média) o conto (que alguns chamam história de Trancoso), a lenda, a cantiga (de roda, de ninar, a parlenda) a embolada, o marco, a peleja, além da cantoria de viola e do cordel. O próprio cordel não se configura mais como um gênero, mas como um suporte, podendo apresentar gêneros literários e textuais diversos (romances, desafios, contos tradicionais, perfis de pessoas importantes, textos filosóficos e linguísticos). Assim, para dirimir ambiguidades, vamos considerar a nomenclatura *cordel* para o gênero literário popular escrito em verso e folheto para o suporte em que o gênero cordel é escrito.

Os discursos etnoliterários se diferenciam por uma enunciação, muitas vezes híbrida e enriquecida por outras linguagens, como o canto, o gesto, a dança, que os transformam em um espetáculo de grandes proporções. O encurtamento de longas estruturas durante as performances orais permite ao receptor uma compreensão imediata do que lê ou escuta e uma rápida memorização dos textos, fazendo-o, não só recriá-los, como difundi-los em lugares e épocas diversas e, conseqüentemente, origina um processo

variacional rico e abundante que atinge desde as estruturas linguísticas até a ideologia.

Não são documentais como os textos da história científica, mas recriam outro tipo de memória social que *“incorporam, sustentam, caracterizam uma identidade cultural, representando um saber compartilhado sobre o mundo”*(Id Ib). Esse saber pressupõe, comunica, determina um conhecimento, anterior a um conhecimento escolarizado que é transferido de um sujeito para outro numa relação de continuidade. O agir intersubjetivo, nesses casos, faz gerar *bens relacionais* que, na concepção de Marx (II Capitale, 1975 [1867]) — são *bens* (porque satisfazem necessidades humanas e têm valor), mas não são *mercadorias* (não têm preço, não há mercados onde se possa comprá-los) embora sejam capazes de contribuir relevantemente na formação de bem-estar. Desde as primeiras canções que ouvimos no colo das nossas mães, até as brincadeiras infantis com as coleguinhas de calçada, aos cantos de trabalho, de lazer, o objetivo é manter a relação dialógica entre os participantes e favorecer os relacionamentos.